

## A PRESENÇA DE MULHERES NO RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE SÃO PAULO

Maiara Helena Lourenço Costa (IC) e Lenize Villaça Cardoso (Orientador)

**Apoio:** PIVIC Mackenzie

### RESUMO

Este artigo científico apresenta um estudo sobre a presença de mulheres que trabalham à frente dos microfones nas rádios de São Paulo. A pesquisa busca comparar, entender e ver a importância da participação feminina durante as transmissões esportivas e em programas exclusivamente esportivos. Os motivos que permeiam a desigualdade no radiojornalismo esportivo também são vistos em outras áreas da sociedade, porque se deve a uma construção machista a que mulheres foram submetidas durante anos, não podendo sair para trabalhar e cuidando somente da casa e dos filhos. Esta situação dificultou a entrada das mulheres em muitas áreas de trabalho, e a área esportiva do jornalismo teve e ainda tem mais dificuldade por futebol e outras modalidades serem consideradas, até hoje, assunto de homem e onde mulher não entende e não deve se meter. A partir de levantamentos bibliográficos e entrevista com profissionais que estão há anos no mercado, foi possível perceber a desigualdade de gêneros nas equipes esportivas das rádios que compõem o *dia* paulistano, concluindo que há sim uma diferença no espaço ocupado por homens e mulheres quando o assunto é esporte e também ressaltando as situações de preconceito enfrentadas desde o início da inclusão de mulheres nas redações esportivas.

**Palavras-chave:** Radiojornalismo; Mulheres no jornalismo esportivo; jornalismo esportivo

### ABSTRACT

This scientific article introduces a study about women that work as radio broadcasters in São Paulo. The research attempts to show the importance of the female participation in sportive streaming and in programs that are exclusively about sports. The reasons that promote this inequality in the sportive journalism are the same in other areas of society, because women are raised in a sexist society, which has for years insisted that women can only take care of their home, husband and children. This situation has complicated the entrance of women in many work areas, and the sportive area of journalism is still considered a subject that only men understand about and that females shouldn't try to intervene with. From bibliographic surveys and interviews with professionals that have been in the market for a long time, it was possible noticing the inequality of genders in the sportive streaming area in São Paulo, leading to the conclusion that there really is a difference in the place taken by women

and men in the sportive area. It was also emphasized that since the day women started to be a part of the editorial department of sports they suffer prejudice, and that it still happens nowadays.

**Keywords:** Women in the sportive journalism; Journalism; Sportive streaming

## 1. INTRODUÇÃO

As mulheres começaram a ser inseridas no mercado de trabalho em 1970, o que deflagrou um movimento de entrada delas no trabalho nas décadas seguintes.

(HOFFMANN; LEONE, 2004, online) O jornalismo esportivo não ficou de fora desta onda.

A criação da Rádio Mulher por Roberto Montoro na década de 1970 permitiu que as mulheres ganhassem espaço no esportivo. A Rádio era composta somente por mulheres.

A narração era feita por Zuleide Ranieri Dias; os comentários, por Jurema Iara e Leila Silveira; nos comentários de arbitragem, Lea Campos - que também era juíza; na reportagem, Germana Garili, Claudete Troiano e Branca do Amaral; no plantão, na sede da rádio, ficavam as locutoras Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro. Até o transporte da equipe era feito por uma mulher, Tereza Leme. (LUZ, 2015, p.49)

A vontade era levar mais mulheres aos estádios, mas não o projeto não durou muito. Em 1974 a Rádio Mulher chegou ao fim com baixíssimos números de audiência.

Ainda falando de mulheres que enfrentaram o preconceito e apostaram no jornalismo esportivo, Regiane Ritter foi a primeira repórter mulher a entrar no vestiário para realizar as entrevistas com os jogadores no pós-jogo. (OLIVEIRA; GOLÇALVES, s/d, online). Na época, era comum que os jornalistas entrassem nos vestiários para que conversassem com os jogadores enquanto eles tomavam banho ou trocavam de roupa. Ritter ignorou as adversidades que a impediam de fazer as entrevistas e se consagrou como repórter em uma época de alto conservadorismo, em especial no esporte.

A carreira dela começou com a sua entrada na Rádio Gazeta com um programa de variedades e música. Só começou a participar da área de esportes quando foi convidada a cobrir férias dos repórteres. Mostrando muita desenvoltura e conhecimento sobre esportes, ganhou seu espaço na Rádio, na TV e com os amantes de esportes. Sua importância é tamanha que como homenagem leva o nome do prêmio da ACEESP (Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo) para as melhores jornalistas do estado. (REZENDE, online)

Essas primeiras ações foram as necessárias para abrir a porta e com isso dar a oportunidade para outras entrarem no mercado esportivo. E mesmo com um alto número de mulheres praticando o jornalismo esportivo, elas ainda enfrentam o preconceito de falar do assunto que ainda é considerado mais de homens.

O questionamento desta pesquisa é: as mulheres ainda ocupam menos espaço a frente dos microfones no radiojornalismo esportivo em pleno século XXI? Por que?

O objetivo é entender se existe um desequilíbrio entre os gêneros na área esportiva e porque o preconceito sofrido por mulheres na profissão muitas vezes atrapalha e retira o espaço das jornalistas.

Esta pesquisa visa mostrar que no jornalismo esportivo o número de mulheres é muito reduzido nas redações de rádio em São Paulo e é importante mostrar essa desigualdade para conscientizar que a estrutura da sociedade atual contribui para que menos mulheres avancem neste cenário, mas que com a percepção dessa diferença a situação comece a se modificar.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A HISTÓRIA DO RADIOJORNALISMO ESPORTIVO

O rádio foi fundamental para que o futebol se tornasse a paixão nacional que é até hoje. Amador Bueno foi o primeiro narrador de uma partida de futebol, diferente da narração que conhecemos hoje, os jogos eram descritivos ao extremo e de forma lenta. “A primeira transmissão aqui no Rio de Janeiro foi realizada por Amador Bueno, na Rádio Clube do Brasil, com um estilo bastante peculiar de narrar. Sendo pioneiro e, por conta disso, totalmente desprovido de um referencial.” (PREFEITURA, 2004, p.55)

Quem mudou isso foi Nicolau Tuma, que narrou a primeira partida entre as seleções do

Paraná e São Paulo, conhecido como ‘*speaker metralhadora*’, por falar uma quantidade inimaginável de palavras por minuto. (SCHETINI, 2006, p.33)

A narração é fundamental para popularizar o esporte pelo rádio, e os métodos inaugurados por Tuma são utilizados até hoje por grandes narradores. Outro nome que ajudou a formar o rádio do jeito que conhecemos hoje foi Ary Barroso.

Quando os jogos começaram a ser transmitidos não havia local para imprensa por determinação dos clubes que eram contra porque se acreditava que a transmissão do jogo afastaria os torcedores. Como forma de burlar esta determinação, os jornalistas eram obrigados a ficarem no meio da torcida. Para se destacar, Barroso tocava uma gaita a cada gol que saía, e essa foi a versão primária das vinhetas que viriam mais tarde. (DIAS, 2011, online)

O narrador Gagliano Neto, pela Rádio Clube do Rio de Janeiro, foi quem narrou a Copa de 1938, primeira Copa do Mundo de futebol transmitida. “Com essa narração Gagliano

Neto se consagrou na locução esportiva e também demonstrou que o rádio não tem limites” (SOARES, 1994, p.33)

Segundo Soares (1994, p.48) para aproximar a transmissão da que hoje conhecemos, Paulo Machado de Carvalho comprou a Rádio Panamericana para que os esportes tivessem mais espaço e atenção do ouvinte, transformando-a na “A emissora do esporte”, e criando as funções de repórter, comentarista e também o plantão esportivo.

Desse ponto em diante, o rádio ganhou força e importância, inclusive, houve a necessidade da adoção de dois repórteres de campo, cada uma cobrindo uma equipe, para auxiliar o trabalho do narrador e dar voz aos protagonistas do espetáculo. (DIAS, 2011, online)

Além de São Paulo, o Rio de Janeiro começou, com a Rádio Globo, a criar um novo estilo de transmissão, diferente do que acontecia em São Paulo. Os cariocas ficaram conhecidos pelo grande uso de vinhetas com o nome da Rádio e dos times e por prolongarem as vogais finais.

“O rádio esportivo foi e continua sendo como um teatro. Os locutores apresentam o espetáculo e o ouvinte aplaude”. (SOARES, 1994, p.34). Hoje é assim que se enxerga as transmissões esportivas, ganharam tom de humor e de entretenimento. Informar sempre será o ponto de partida de todos os jornalistas (inclusive os esportivos), mas trabalhar com esporte é trabalhar com a emoção de quem te ouve.

Para Heródoto Barbeiro (2013, p.167) a essência da transmissão esportiva é a emoção, mas com ressalvas. “Costuma-se dizer que não há boa cobertura esportiva sem emoção, mas o jornalista não pode se deixar levar por ela”.

## **2.2 A MULHER NO RADIOJORNALISMO ESPORTIVO**

A independência feminina de poder deixar o trabalho doméstico e procurar uma profissão em que seus gostos falassem mais alto foi e ainda é muito difícil. Ao invés de trocar os afazeres de casa por um fora, as mulheres ganharam uma jornada dupla. Trabalhar 8 horas por dia com algo ligado a profissão que escolheu e chegar em casa e ter uma jornada de cuidar dos filhos, do marido e faxinar a casa.

A inclusão do sexo feminino no mercado de trabalho não ocorreu com o intuito de possibilitar direitos iguais às mulheres. Em nenhum momento essa inserção foi tratada pela igualdade, mas sim pela necessidade das transformações do mercado. (BRAVO, 2009, p.16)

O jornalismo esportivo é caracterizado como uma área dominada pelos homens e poucas mulheres conseguiram furar este bloqueio e se dedicar totalmente ao jornalismo esportivo.

O sexo feminino era excluído da profissionalização. Apenas as carreiras que eram ligadas às artes como poetas, jornalistas, escritoras eram aceitas socialmente, pois essas atividades estavam associadas ao papel tradicional da mulher. (Ibidem)

O início das transmissões esportivas era feito por homens e para homens, porque o futebol - e todos os esportes em geral - eram considerados masculinos, ambientes em que nenhuma mulher poderia se meter, tanto a jogar como a entender do assunto. “No caso das áreas mais tradicionais do jornalismo, como rádio e impresso, o acesso feminino era limitado”. (BRAVO, 2009, p.17)

O radiojornalismo depende totalmente, assim como outras mídias, da publicidade. “É preciso ter maior audiência para lograr maior faturamento, poder produzir novos programas e manter maior audiência, o que gera um processo em cadeia”. (ORTRIWANO, 1985, p.54). Principalmente na área de esportes, em que a mulher tem que provar que sabe tanto quanto ou mais que os homens para ser aceita e também provar que é capaz de conseguir audiência e ouvintes que vão convencer o patrocinador de que há segurança para investir, pois ali está uma jornalista que entende sobre o assunto.

Buitoni (1990) diz que o papel da mulher na imprensa se restringiu por muito tempo em ser o objeto das matérias ou ter publicações voltadas somente para o conhecido universo feminino, que inclui afazeres domésticos e produtos de beleza.

A objetificação da mulher ainda é assunto principal da mídia. Mais fácil ver, em qualquer mídia, uma mulher exaltada por seu corpo do que por seu intelecto ou potencial dentro da profissão. Isto explica o porquê de a dificuldade da inserção da mulher ser tão difícil, há ainda um ponto de interrogação constante na cabeça de todos se uma mulher é capaz de opinar, comentar e reportar de forma excelente sobre o assunto tratado, ainda mais quando esse assunto é esporte. Segundo Frozza (2008, online), “apesar das escassas tentativas de inserir a mulher em programas esportivos na década de setenta e a presença de algumas mulheres na cobertura de futebol de rádio nos dias de hoje, a presença feminina continua sendo muito limitada”.

O fato, no entanto, é que as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes olímpicos. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera. (COELHO, 2003, p.35)

A questão é que mulheres ainda enfrentam muito preconceito na profissão de jornalista esportiva, e não é diferente no rádio. “É notório que o universo do futebol se caracteriza por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino”. (FRANZINI, 2005, online) É

preciso mostrar muito mais que o próprio potencial de jornalista, inclui superar o machismo que impera na área, achar espaço para mostrar seu trabalho e, aí sim, se destacar e ganhar seu próprio espaço.

Para dedicar sua carreira aos esportes, seja cobrindo ou praticando, mulheres devem vencer uma barreira maior do que os homens. Quando uma mulher decide tornar o esporte sua carreira, trabalhando diretamente com ele, ela enfrenta um grande preconceito.

Além do machismo e do moralismo que essas ditas preocupações com o bem-estar das brasileiras não conseguem esconder, elas revelam que, na verdade, o grande problema dizia respeito não ao futebol em si, mas justamente à subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas "funções naturais" para invadirem o espaço dos homens. (FRANZINI, 2005, online)

Essa não aceitação não se deu da noite para o dia, e sim pela construção de uma cultura patriarcal que privilegia os direitos dos homens ao das mulheres. De forma que dadas atividades sempre serão consideradas femininas e outras masculinas, e um que não se atreva a pegar o lugar do outro.

Enquanto mulheres ou são deslocadas para a cobertura de esportes que não tenham tanto apelo como o futebol ou são produtoras. Raras as exceções de mulheres que estão à frente do microfone. "A atual realidade do jornalismo esportivo não está distante daquela que muitas mulheres encontraram nos primórdios do rádio, quando, praticamente, não havia representantes do sexo feminino trabalhando nesse meio." (FROZZA, 2008, p.32-33)

Na década de 1970, Roberto Montoro, fundador da Rádio Mulher decidiu que a rádio precisava ser reinventada. Para isso, começaria com a equipe esportiva e em um ato quase revolucionário, criou uma equipe somente com mulheres jornalistas esportivas.

A narração era feita por Zuleide Ranieri Dias; os comentários, por Jurema Lara e Leila Silveira; nos comentários de arbitragem, Lea Campos - que também era juíza; na reportagem, Germana Garili, Claudete Troiano e Branca do Amaral; no plantão, na sede da rádio, ficavam as locutoras Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro. Até o transporte da equipe era feito por uma mulher, Tereza Leme. (LUZ, 2015, p.49)

Com a vontade de levar mais mulheres ao estádio e também com o slogan 'A cada mulher a mais no estádio, um palavrão a menos'. Mas os baixos números de audiência forçaram a equipe a se desfazer em 1974.

Regiani Ritter tem grande destaque porque foi a primeira a entrar em um vestiário pós jogo para fazer as entrevistas. Em uma época que jornalistas tinham livre acesso tanto aos

jogadores como aos locais do estádio, Ritter foi a primeira a 'invadir' o vestiário em busca de sonoras.

Para muitos homens que se dizem "entendidos" de futebol, mulher não sabe nada sobre o esporte e muitos esperam alguma derrapada de uma repórter ou apresentadora para usarem um velho "argumento" de que ela só errou aquela informação justamente por ser mulher. (KATAVATIS; RANULLO; SILVA, 2014, online)

Mulheres passaram a lutar para se destacarem no jornalismo e conseguirem ocupar vagas nas redações. A questão é que só eram designadas para assuntos considerados femininos, como cuidados da casa, dos filhos e também moda e costura.

O número de mulheres cresceu junto com a formação intelectual, com mais pessoas frequentando as universidades. Isto mudou o comportamento de mulheres tanto como jornalistas como consumidoras de informação.

No jornalismo esportivo no Brasil, ao longo dos anos, diversos eventos esportivos e iniciativas isoladas contribuíram para que as mulheres conquistassem seu espaço na sociedade e na carreira profissional nesta área, a exemplo dos Jogos da Primavera, que nos anos 60 foram eventos promovidos especialmente para as mulheres. (SANTOS, 2012, online). Muitas já enfrentaram as dificuldades e escancararam as portas para que hoje já não seja tão estranho ouvir uma mulher comentando, escrevendo, falando, reportando sobre esportes. As pioneiras no jornalismo esportivo lutaram pelo seu direito de estar trabalhando com esta área, e atualmente, mulheres já afirmam seus lugares nas redações esportivas. Não é fácil e ainda são poucas as que conseguem se firmar na área, porém a tendência é que essa situação mude a cada ano.

A mulher precisa mostrar para todos que ela é muito mais que um corpo ou uma voz que está ali mostrando a sua opinião. A competição para mostrar seu potencial é grande.

Rádios e televisões já não se limitam a abrir-lhes o microfone e as câmeras; desde há alguns poucos anos, programas ou quadros em que apenas mulheres participam comentando futebol e outros esportes começam a ocupar a grade das emissoras. Essa espécie de mesa-redonda da 'luluzinha' é sempre louvada como um espaço no qual prevalece a "visão feminina do esporte", o que leva à conclusão de que, ainda predominantemente masculino, o jornalismo esportivo é dominado, nas formas de falar, escrever e moldar a cosmovisão esportiva, por valores machistas". (FILIPPO, 2014, online)



## 2.3 O RÁDIO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O meio rádio tem suas características próprias e que o diferenciam dos outros meios. Para Heródoto Barbeiro em Manual de Jornalismo (2013), o rádio é pautado pela instantaneidade, ou seja, enquanto o jornalista está noticiando a notícia tem que ser entendida pelo receptor. Para isso, o texto deve ter uma linguagem coloquial e com frases curtas e de ordem direta.

Falar no rádio não é somente abrir o microfone, depende de um bom texto com regras específicas para o meio, diferente de um jornal, revista e televisão. O texto radiofônico exige instantaneidade, “a notícia deve ser entendida pelo receptor no exato momento de sua transmissão”. (BARBEIRO, 2013, p.149)

Com a internet, o meio teve que se modificar de novo. Achar a fórmula mágica de continuar atraindo ouvintes, para aumentar o patrocínio e manter suas características fundamentais, como a proximidade com o consumidor da informação.

As redes sociais e os aplicativos de mensagens permitem a participação em tempo real dos ouvintes, que podem expressar suas opiniões sobre a última notícia divulgada, também podem dar informações sobre trânsito, reclamações que podem gerar pautas para a reportagem ou simplesmente dizer que estão ouvindo a programação e, por isto, ter seu nome falado na rádio.

Mais que outros meios tradicionais de comunicação (televisão, jornais e revistas), o rádio, junto da tecnologia, permite que esta interatividade entre apresentador e ouvinte seja cada vez maior e a troca de informações, mais rápida.

Porque o Rádio exige informações rápidas e proximidade. Um repórter de rádio consegue transmitir a notícia primeiro do que um repórter de televisão, jornais e revistas, porque basta entrar por telefone com a informação em primeira mão. O rádio ganha em agilidade diante de todos os outros meios tradicionais, mas se atentando ao fato que “no radiojornalismo é preferível informar corretamente a ser o primeiro a dar a notícia sem segurança.” (BARBEIRO, 1995, p.15)

Apesar de todas essas facilidades que ajudam o meio a ganhar força perante os ouvintes, há outra parte que é a publicidade, o que mantém toda a estrutura funcionando.

Para a empresa comercial de radiodifusão, o interesse básico é o mercantil, pois é do faturamento originado pela venda do espaço publicitário que vão surgir os recursos para a manutenção tecnológica e a formação da estrutura programática. (ORTRIWANO, 1985, p.54)

Ou seja, a programação dos conteúdos está amarrada com a programação publicitária. E essa relação se alterou com o tempo, pois quando surgiu “o rádio não era um veículo considerado importante do ponto de vista comercial”. (PREFEITURA, 1995, p.109) “O rádio é um poderoso ‘instrumento político’ que tanto pode servir à mudança como à manutenção de um Estado, das relações sociais, da própria liberdade individual e/ou coletiva.” (ORTRIWANO, 1985, p.59)

## **2.4 PROGRAMAS ESPORTIVOS DE RÁDIO EM 2016**

No rádio FM de São Paulo, atualmente as principais rádios jornalísticas são a Rádio CBN, Bradesco Esportes FM, Rádio Bandeirantes, Rádio BandNews FM, Rádio Trânsito, Rádio Estadão e Rádio Jovem Pan.

Delas, todas têm programação esportiva, com transmissões de jogos e programas de notícias e debates sobre esportes. Na Rádio CBN, os programas “Quatro em Campo” e “Lado B da Bola”. A Rádio Bradesco Esportes FM, como já dito, só tem programação esportiva. A Rádio Bandeirantes tem os programas “Esporte em Notícia”, “Resenha, Futebol e Humor” e “Esporte em Debate”.

A Rádio BandNews FM conta com o “BandNews na área”, a Rádio Trânsito apesar de jornalística não conta com nenhum programa de esporte. Já a Rádio Estadão conta com apenas um programa esportivo, o “Estadão Esporte Clube”. E por fim, a Rádio Jovem Pan com somente com transmissões às quartas-feiras e aos domingos.

Algumas rádios que não são jornalísticas, são essencialmente musicais, tem programas esportivos. É o caso da Rádio Tropical, que em parceria com a Equipe Líder, tem o programa “Tropical Esporte Clube”. A Rádio 105 FM com o “Na Geral”, além das transmissões esportivas e a Energia 97 tem o “Estádio 97”.

## **2.5 HISTÓRIA DA RÁDIO BRADESCO ESPORTES FM**

A Bradesco Esportes FM, também conhecida como “A Rádio do seu esporte” de São Paulo foi fundada em 17 de maio de 2012, com o inovador e diferencial de falar de todas as modalidades esportivas 24 horas por dia. (ZIMMERMANN, 2016, online)

A rádio era uma parceria do Grupo Bandeirantes de Comunicação, do Banco Bradesco e do Grupo Bel de Comunicação, que após a extinção da Rádio Oi FM decidiu apostar neste projeto. (SACCHITIELLO, 2012, online)

Apesar de grande parte do conteúdo focar no futebol, que é uma grande preferência nacional, outros esportes ganharam espaço na programação, como transmissões de vôlei e de basquete. É importante ressaltar que a Rádio foi fundada com a visão de fazer uma grande cobertura das Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016. (DANTAS, 2016, online)

A versão carioca da rádio foi fundada pouco tempo depois, no dia 26 de setembro também de 2012 e tinha a mesma proposta na filial paulista.

Analisando a programação das duas, elas interagem muitas vezes durante a programação. Em alguns programas elas se separavam apenas quando a programação era voltada para o local, então era neste momento que era debatido sobre os clubes de cada cidade.

Em São Paulo, grandes nomes do cenário do jornalismo esportivo fizeram parte da equipe, como Ivan Zimmerman, importante narrador de rugby e futebol americano brasileiro. De mulheres, nos meses finais da rádio, apenas duas. A apresentadora Beth Romero, que comandava o programa “De Primeira”, ao lado de Jorge Nicola e a produtora Bruna Moraes.

Na programação em destaque o programa “Agora o Bicho Vai Pegar”, que contava com a apresentação de Román Laurito e participação dos comentaristas Maércio Ramos, Guilherme Pallesi, Ivan Zimmermann, Renato Tortorelli e o produtor João Lusttri. Nele eram debatidos, com muito humor, o futebol brasileiro, com destaque para as equipes paulistas.

## **2.6 HISTÓRIA DA RÁDIO CBN**

A Rádio CBN, que significa Central Brasileira de Notícias, foi fundada em 1º de outubro de 1991, pioneira no modelo de all-news no país.

O modelo foi implantado no Brasil após muita observação do que estava sendo feito no exterior, em especial nos Estados Unidos. Com apoio do Grupo Globo, a CBN ocupou o lugar da Excelsior que foi o ponto de partida para se realizar a emissora que teria notícias 24 horas do país. (LOPEZ, 2011, online)

Em 1995, a CBN foi a primeira emissora de jornalismo de São Paulo a mudar para a frequência FM, ganhando, por isso, menção honrosa na Associação Paulista de Críticos de Arte. (CBN, s/d, online)

Já em 2007 recebeu as seguintes premiações: o Jornal da CBN recebeu Troféu Dia da Imprensa na categoria melhor programa jornalístico do rádio; o apresentador Carlos Alberto Sardenberg recebeu Prêmio Profissional de Imprensa pela Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais do Distrito Federal (LOPEZ, 2011, online)

Quando completou 15 anos de existência em 2006, foi lançado o livro ““CBN, a rádio que toca notícia: a história da rede e as principais coberturas; estilo e linguagem do all news; jornalismo político, econômico e esportivo; a construção da marca; o modelo de negócio”, pela Editora Senac-Rio. (CBN, s/d, online)

No aniversário de 18 anos, a Rádio criou o Prêmio CBN de Jornalismo Universitário, dando oportunidade para os estudantes de comunicação entenderem o funcionamento da produção de um boletim radiofônico.

Hoje, compõem a Rede CBN de notícias quatro emissoras próprias em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília e 30 afiliadas espalhadas pelo Brasil.

A programação da Rádio é voltada totalmente para o jornalismo, com programas políticos, econômicos, esportivos, culturais e de *hard News*, ou seja, programa com as últimas notícias da cidade, do país e do mundo.

O site da emissora é um ponto forte, já que nele há a interação muito grande com o ouvinte e é onde as matérias do dia são publicadas, de forma que fique guardada para serem ouvidas quando o público quiser.

A rádio conta com grandes nomes do jornalismo brasileiro, tal como o âncora Milton Jung, a comentarista de economia Mara Luquet e no esporte se destacam Juca Kfourri, Oscar Ulisses e Paulo Vinícius Coelho.

Presentes na equipe esportiva da Rádio, que no último ano se juntou a equipe da Rádio Globo (PORTAL IMPRENSA, 2015, online), estão apenas duas mulheres: as repórteres Ana Thaís Mattos e Mayra Siqueira.

## **2.7 ENTREVISTA**

Mayra Siqueira foi escolhida por sua forte identificação com o esporte, já que já foi nadadora e que já está há sete anos na Rádio CBN.

O primeiro contato com a entrevistada foi feito em Outubro de 2016, porém por uma incapacidade de agendas, a entrevista foi realizada por telefone no dia 18 de janeiro de 2017.

No caso da Bruna Moraes, foi escolhida por ser uma das únicas mulheres – e no final da Rádio Bradesco – a única presente na redação e no ar.

A entrevista foi realizada via e-mail em Março de 2017. As perguntas foram mandadas previamente e depois a entrevistada as respondeu.

A repórter Mayra Siqueira nasceu em 19 de setembro de 1986. Até os 18 anos, Mayra foi nadadora federada na seleção brasileira, porém acabou largando o esporte ao sofrer uma lesão no ombro. Hoje ela pratica o esporte apenas de forma amadora.

Entrou na Rádio CBN em janeiro de 2011 e está lá até hoje, atuando como repórter e âncora dos principais eventos esportivos como Copa do Mundo, Jogos Olímpicos, Taça Libertadores da América e Campeonato Brasileiro.

Bruna Moraes, nascida em São Paulo em 26 de Dezembro de 1990, sempre foi fanática torcedora do Palmeiras.

Começou sua carreira no site da Gazeta Esportiva, que foi quando teve certeza que queria seguir na área.

Além de futebol, Bruna escreve sobre viagens em seu blog: [www.viajartransforma.com.br](http://www.viajartransforma.com.br)

**Maiara Costa:** *Porque você escolheu o jornalismo esportivo?*

**Mayra Siqueira:** *Eu não tinha bem intenção de ir para o jornalismo esportivo na faculdade, embora sempre tenha amado esportes e praticado desde sempre. Como vim dos esportes olímpicos, da natação, temia que ficasse presa somente ao futebol se trabalhasse na área. Mas tudo caiu por terra no primeiro estágio que eu fiz em esporte, foi no site e revista Trivela. Me apaixonei pela profissão e segui até hoje.*

**Bruna Moraes:** *Eu escolhi jornalismo esportivo por gostar muito de futebol e ser torcedora fanática pelo Palmeiras. Quando eu entrei na área, comecei na Gazeta Esportiva.net, foi que eu conheci e me apaixonei pelos demais esportes, principalmente o tênis.*

**Maiara:** *Para você, qual o diferencial do esporte em rádio para outras mídias?*

**Mayra:** *Eu também não esperava trabalhar em rádio, foi uma oportunidade que apareceu e que casou muito bem com minha personalidade e características. O rádio é mágico. Ele mexe com a imaginação e traz uma emoção muito peculiar. Acho que esporte ainda é muito isso. Com relação ao dia a dia, a velocidade do rádio, que a internet também tem hoje, além da praticidade, são pontos fortes do rádio.*

**Bruna:** *O rádio é mais dinâmico do que as outras mídias. Basta um telefone celular é o repórter informa milhares de pessoas instantaneamente. Sempre quis trabalhar em rádio para estar "em cima da notícia".*

**Maiara:** *Na CBN/Bradesco, além de você, quantas mulheres mais trabalham com você?*

**Mayra:** *No esporte, eu e a Ana Thais, da Rádio Globo/CBN também, somos as únicas, de uma equipe hoje de 16 pessoas. No jornalismo geral, técnica e outras áreas, são várias outras mulheres.*

**Bruna:** *Trabalhei durante 4 anos e meio na Bradesco Esportes FM. No primeiro um ano e meio, éramos em quatro mulheres, inclusive a diretora de conteúdo, Renata Veneri. Um ano e meio depois, eramos só duas - eu e a Beth (Romero) e nos últimos três meses apenas eu.*

**Maiara:** *Em sua opinião, ainda existe preconceito com mulheres no jornalismo esportivo?*

**Mayra:** *Existe e talvez sempre vá existir no Brasil. Mas ele já é bem menor e menos saliente do que já foi. Hoje os preconceituosos têm mais medo de aparecerem e serem julgados, e gostam de afirmar que 'o mundo está muito chato', como cobertura ao seu machismo e preconceito. Mas ainda tem muito chão pela frente. O pior preconceito vem ainda dos colegas.*

**Bruna:** *Existe MUITO preconceito, principiante em relação a oportunidades. Se alguém tiver que mudar de função ou subir de cargo, o privilégio é sempre masculino, porque há uma tendência a se considerar erroneamente que eles têm mais afinidade com o tema futebol do que elas. O inverso acontece quando tratamos dos outros esportes... Como os esportes olímpicos só são levados a sério de quatro em quatro anos, as mulheres acabam sendo melhores aproveitadas nessa área.*

**Maiara:** *Você já passou por algum caso de preconceito na profissão?*

**Mayra:** *Passei por vários, e a maioria é velada. É um preconceito sutil, que tenta te diminuir por simplesmente ser mulher. Os casos mais emblemáticos, até pela exposição para mim, envolvem treinadores, que questionaram o meu conhecimento de futebol por ser mulher. Nas redes sociais também já li muita bobagem. Felizmente é uma minoria. O pior machismo é o que duvida da sua capacidade, da sua informação, da sua competência para atingir algum objetivo, de forma que não aconteceria com um colega de profissão do sexo masculino.*

**Bruna:** *Eu sofri com o preconceito que está enraizado na mídia esportiva, como no caso das oportunidades que eu citei acima, mas não fui desrespeitada ou ofendida diretamente.*

**Maiara:** *O que falta para as mulheres avançarem no jornalismo esportivo?*

**Mayra:** *Acho que já avançamos e seguiremos avançando. Postura, se provar diariamente e apresentar no mínimo o mesmo, se possível um trabalho melhor que os colegas*

é uma forma de se ganhar respeito. Porque, infelizmente, se ainda não se parte do pressuposto que uma mulher deve ser respeitada no futebol ou em qualquer esfera, então nós conquistamos o respeito através de resultados. É a forma que eu faço diariamente.

**Bruna:** Falta tempo, como nas demais lutas feministas por igualdade. Tempo e luta, claro. Infelizmente ainda estamos na fase em que temos que "provar" competência por causa do gênero, o que é um absurdo. Mas eu tenho fé, e força para lutar, de que as coisas vão melhorar pouco a pouco para as mulheres no âmbito esportivo.

**Maiara:** Para você, o jornalismo esportivo ainda é desvalorizado perante as outras áreas do próprio jornalismo?

**Mayra:** É e não é. É a primeira área a receber cortes em tempos de crise, mas nunca sairá do radar. Tive um chefe que dizia que o esporte é o mais importante dos assuntos menos importantes. Acho que é por aí.

**Bruna:** O jornalismo esportivo é engraçado.... Os demais jornalistas minimizam a importância, mas grande parte da cobertura jornalista diária é feita por essa área. Por outro lado, muitos jornalistas esportivos acham a área a melhor coisa do mundo e se sentem superiores pela proximidade com jogos, times, jogadores que mexem com a paixão de tanta gente. Eu acho que é uma área como outra qualquer, que existe estudo e demanda muito esforço do jornalista.

**Maiara:** Você acha que a barreira que as mulheres têm que vencer no esportivo é maior que a dos homens? Se sim, porquê?

**Mayra:** Sim, claro! Como eu disse antes, sem dúvidas. Parte-se de um pressuposto negativo sobre uma mulher na área de forma muito mais rápida do que um homem, e por isso nós precisamos provar mais, desde o começo, desde cedo. Ainda mais para, por exemplo, uma mulher mais nova, que é ainda pior. Mas a gente vai mudando isso aos pouquinhos. Acho que a realidade da mulher no jornalismo esportivo hoje já é bem diferente e mais respeitada do que já foi.

**Bruna:** É maior sim e começa bem antes de se formar em jornalismo... Perdi a conta de quantas vezes disse que gostava de futebol para um homem e ele pediu para eu provar. Cheguei a explicar a regra do impedimento na lousa para um professor uma vez. E esse tratamento de dúvida e provação se repete sistematicamente sempre.

### **3. METODOLOGIA**

Por meio de uma pesquisa qualitativa, de entrevistas com as jornalistas que trabalham em rádio na área de esporte, seja na frente do microfone ou na produção, foi desenvolvida um artigo para analisar a situação das radiojornalistas esportivas no estado de São Paulo.

Foi feita uma pesquisa exploratória como primeiro passo para aprender e entender um pouco mais sobre o radiojornalismo esportivo, como era e como é o papel da mulher nas transmissões de esporte.

A pesquisa bibliográfica se concentrou nos pilares de radiojornalismo, jornalismo esportivo, monografia e mulheres no radiojornalismo esportivo. Para isto, os livros e trabalhos destes temas serão consultados.

Para entender as características do jornalismo no rádio e a história do rádio no Brasil, os livros “A rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo” de Eduardo Meditsch (1999) e “Desafios do rádio no século XXI” de Sonia Virgínia Moreira e Nélia Del Bianco (2001) e “Estrutura da informação radiofônica” de Emílio Prado (1989) foram fontes para a pesquisa. Os clássicos “Manual de Jornalismo: para Rádio, TV e Novas Mídias” de Heródoto Barbeiro (2013) e “A informação no rádio: Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos” de Gisela Swetlana Ortriwano (1985) também foram consultados.

Para falar de jornalismo esportivo, foram escolhidos os autores Paulo Vinícius Coelho (2003) com o livro “Jornalismo Esportivo”, o livro organizado pela Prefeitura do Rio de Janeiro (2004) “Jornalismo Esportivo: os craques da emoção” e o livro de Edileuza Soares (1994) “A Bola no Ar: o rádio esportivo em São Paulo”.

E para falar sobre as mulheres no radiojornalismo esportivo, o foco foi entender o papel da mulher no jornalismo com o livro “Imprensa feminina” de Dulcília Schroeder Buitoni (1990). Alguns artigos como “Em busca de espaço: mulheres no jornalismo esportivo em rádio e televisão”, de Laura Becker da Luz e “Futebol é coisa para macho? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol” de Fábio Franzini.

Como pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas com as jornalistas esportivas que trabalham/trabalhavam em rádios com esportes. Uma com Mayra Siqueira, jornalista da Rádio CBN, que sempre trabalhou com esportes e a outra com Bruna Moraes, produtora da extinta Rádio Bradesco Esportes FM, que se dedicava para cobrir apenas esportes.

As entrevistas foram feitas para entender melhor o mercado do jornalismo esportivo na visão de mulheres que estão inseridas nele e podem explicar melhor a atual situação das redações jornalísticas.



#### **4. RESULTADO E DISCUSSÃO**

A partir da bibliografia consultada e das entrevistas realizadas, percebeu-se que o ambiente do jornalismo esportivo ainda é um espaço a ser conquistado pelas mulheres que enfrentam preconceito, principalmente pelos torcedores. As entrevistadas ressaltaram também que já passaram por essa situação de machismo no exercício da profissão.

Foi ressaltado ainda como poucas mulheres conseguem se dedicar ao esporte, estando, na grande maioria das vezes, em um número menor perante aos homens. Constatou-se que as mulheres têm que trabalhar mais que os homens, pois precisam provar seu conhecimento mais que os homens. Concluiu-se, junto das entrevistadas, que a barreira atravessada pelas mulheres é maior que a dos homens, já que existe um pensamento na sociedade que não é possível que as mulheres entendam de esportes tanto, ou mais, que os homens.

Segundo a bibliografia consultada, quando se compara a área esportiva perante outras áreas jornalísticas, como exemplo política e economia, ainda há desvalorização do assunto. Mas, mesmo assim, nenhuma entrevistada acredita que mesmo com a baixa da editoria ela vá acabar, pois tem grande apelo com os ouvintes.

#### **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo dessa pesquisa era conhecer melhor o ambiente das redações esportivas e verificar se a relação entre homens e mulheres jornalistas estava em um parâmetro de equidade.

Verificou-se, então, que não há equidade dentro das redações. Há sim uma disparidade de relação, já que existem poucas mulheres trabalhando diretamente com esporte e as que trabalham sofrem preconceito para provarem seu potencial de trabalho.

As mulheres enfrentam grande preconceito dentro da profissão – não exclusivo ao jornalismo – e que se deve a forma cultural e social que desde a Antiguidade as mulheres foram incluídas nas atividades da sociedade.

O esporte é um exemplo desta socialização. Já que desde a primeira edição dos Jogos Olímpicos, na Grécia Antiga, as mulheres foram proibidas de participar. Mais recentemente, as mulheres ainda não eram aconselhadas a praticarem esportes porque poderiam perder sua feminilidade, se tornando musculosas e não preservando as curvas do corpo feminino.

Assim, percebe-se que a participação das mulheres no esporte sempre foi cercada de preconceitos e estereótipos. Isto dificultou a entrada das mulheres para a cobertura dos esportes de forma jornalística.

Mesmo anos após a entrada das primeiras mulheres no jornalismo esportivo, percebeuse que ainda é considerada uma profissão masculina e que elas são 'a estranha no ninho', ocupando o lugar de um homem.

Mulheres precisam provar sua qualidade e talento várias vezes mais que os homens. Precisam mostrar seu conhecimento sobre as regras dos esportes e sobre as equipes, já que são desacreditadas desde o começo.

Nas duas redações estudadas neste artigo, CBN e Bradesco Esportes, as mulheres eram minorias e não estavam em cargo de chefia. Os homens ocupam estes cargos não por falta de competência das mulheres, mas como são minorias, a chance de serem escolhidas para a promoção é menor.

Também há um problema de credibilidade vindo dos ouvintes – não todos. Mas nos estádios ou pelas redes sociais, se manifestam contrários à opinião da jornalista a ofendendo pelo seu gênero, não apenas em uma discussão – saudável – em que as partes possuem opiniões diferentes.

Sobre o meio rádio, apesar da sua desvalorização da publicidade, ainda tem prestígio com o consumidor da informação. A principal característica é a instantaneidade e, até hoje, nenhum outro meio consegue superar isto. Pois basta um telefone para entrar ao vivo com a informação, enquanto na internet é necessário escrever um texto para ser publicado, na televisão, uma equipe de imagem e som, o jornal só publica no dia seguinte e a revista só no final da semana ou até do mês.

Apesar de todas as dificuldades, muitas do início da profissionalização já foram superadas e ainda existem muitas outras que devem ser superadas. Mesmo assim se torna cada dia mais comum ouvir, ver e ler mulheres falando sobre esportes.

Ainda há um grande caminho a ser percorridos pelas jornalistas esportivas para que haja equidade entre os gêneros na profissão.

## 6. REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. *Manual de Jornalismo: para Rádio, TV e Novas Mídias*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2013.

BRAVO, Débora Vasconcellos Tavares. *Elas assumiram o comando: as mulheres jornalistas no mundo do telejornalismo esportivo*. Viçosa. 2009. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/8338445/D%C3%89BORA\\_VASCONCELLOS\\_TAVARES\\_BRAVO](https://www.academia.edu/8338445/D%C3%89BORA_VASCONCELLOS_TAVARES_BRAVO)>. Acesso em 21 Jun. 2016.

CBN. *História. A Rádio que toca notícia*. s/l. s/d. Disponível em:

<<http://cbn.globoradio.globo.com/institucional/historia/HISTORIA.htm>>. Acesso em 20 out. 2016.

COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo esportivo*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DANTAS, Monique de Andrade. *Mulheres no Jornalismo Esportivo*. Rio de Janeiro. 2016.

Disponível em:

<[http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/46424489/MULHERES\\_NO\\_JORNALISMO\\_ESPORTIVO\\_-\\_TCC\\_2016.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1492376655&Signature=rF2E%2BAqsFNZ4rjH46z22K1fkPC0%3D&response-contentdisposition=inline%3B%20filename%3DMULHERES\\_NO\\_JORNALISMO\\_ESPORTIVO\\_-\\_TCC\\_E.pdf](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/46424489/MULHERES_NO_JORNALISMO_ESPORTIVO_-_TCC_2016.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1492376655&Signature=rF2E%2BAqsFNZ4rjH46z22K1fkPC0%3D&response-contentdisposition=inline%3B%20filename%3DMULHERES_NO_JORNALISMO_ESPORTIVO_-_TCC_E.pdf)>. Acesso em 30 set. 2016

DIAS, Emerson; LIMA, Carlos Guilherme. *Da emoção a descrição: a história da narração esportiva no rádio*. Guarapuava. 2011. Disponível em:

<[http://www.ufrgs.br/alcar/encontrosnacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Da%20emocao%20a%20descricao%202013%20a%20historia%20da%20narracao%20esportiva%20no%20radio.pdf/at\\_download/file](http://www.ufrgs.br/alcar/encontrosnacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Da%20emocao%20a%20descricao%202013%20a%20historia%20da%20narracao%20esportiva%20no%20radio.pdf/at_download/file)>. Acesso em 13 Jun. 2016.

FILIPPO, Bruno. *Existe jornalismo esportivo feminino?*. s/l. 2014. Disponível em:

<<http://www.radioemrevista.com/existe-jornalismo-esportivo-feminino/>>. Acesso em 21 Jun. 2016

FRANZINI, Fábio. *Futebol é coisa para macho? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol*. São Paulo. 2005. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882005000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200012)>. Acesso em 18 Jun. 2016.

FROZZA, Anelise. *A presença da mulher na cobertura de futebol da RBS TV*. Porto Alegre. 2008. Disponível em:

<[https://esportefabico.files.wordpress.com/2010/11/anelise\\_frozza.pdf](https://esportefabico.files.wordpress.com/2010/11/anelise_frozza.pdf)>. Acesso em 15 Jun. 2016.

HOFFMANN, Rodolfo. LEONE, Eugênia Trancoso. *Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002*. Belo Horizonte. 2004. Disponível em:

<<http://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/430>>. Acesso em 18 Jun. 2016.

LOPEZ, Debora Cristina. *Estratégias para o radiojornalismo na internet: um estudo da evolução e das mudanças recentes no site da rádio CBN*. Guarapuava. 2011. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Estrategias%20para%20o%20radiojornalismo%20na%20internet%20um%20estudo%20da%20evolucao%20e%20das%20mudancas%20recentes%20no%20site%20da%20radio%20CBN.pdf>>. Acesso em 20 out. 2016

LUZ, Laura Becker da. *Em busca de espaço: mulheres no jornalismo esportivo em rádio e televisão*. Porto Alegre. 2015. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/125962/000971863.pdf?sequence=1>>. Acesso em 17 Jun. 2016

OLIVEIRA, Jéssica; GOLÇALVES, Vanessa. *Desde os anos 80 na crônica esportiva, Regiani Ritter prova que mulher entende de futebol*. s/l. 2014. Disponível em:

<[http://www.portalimprensa.com.br/revista\\_imprensa/conteudoextra/65338/desde+os+anos+80+na+cronica+esportiva+regiani+ritter+prova+que+mulher+entende+de+futebol](http://www.portalimprensa.com.br/revista_imprensa/conteudoextra/65338/desde+os+anos+80+na+cronica+esportiva+regiani+ritter+prova+que+mulher+entende+de+futebol)>. Acesso em 18 Jun. 2016.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1985.

PORTAL IMPRENSA. *Rádio Globo SP demite cinco funcionários e une equipe de esportes com a CBN*. s/l. 2015. Disponível em:

<<http://portalimprensa.com.br/noticias/brasil/75465/radio+globo+sp+demite+cinco+funcionarios+e+une+equipe+de+esportes+com+a+cbn>>. Acesso em 20 out. 2016

PREFEITURA da Cidade do Rio de Janeiro. *Jornalismo esportivo: os craques da emoção*. Rio de Janeiro : A Secretaria , 2004. (Cadernos da Comunicação. Série Estudos; v.11)

REZENDE, Otto. *Conheça a trajetória da primeira jornalista de esportes do Brasil*. s/l. 2014.

Disponível em: <<http://www.portalmidiaesporte.com/2014/03/conheca-a-jornalistaregiani-ritter.html>>. Acesso em 17 Jun. 2016

SACCHITIELLO, Bárbara. *Rádio Bradesco Esportes entra no ar*. s/l. 2012. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2012/05/11/radio-bradesco-esportesentra-no-ar.html>>. Acesso em 30 set. 2016

SANTOS, Daniele de Freitas dos. *A participação feminina no radiojornalismo esportivo de Passo Fundo*. Passo Fundo. 2013. Disponível em: <[http://repositorio.upf.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/288/PF2013Daniele\\_de\\_Freitas\\_dos%20\\_Santos.pdf?sequence=1](http://repositorio.upf.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/288/PF2013Daniele_de_Freitas_dos%20_Santos.pdf?sequence=1)>. Acesso em 18 Jun. 2016

SANTOS, Vanessa de Araújo. *As bolas da vez: a invasão das mulheres no jornalismo esportivo televisivo brasileiro*. Brasília. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/7254/1/20413582.pdf>>. Acesso em 21 Jun. 2016.

SCHETINI, Vivian. *Rádio e Televisão: levando emoção ao torcedor de futebol*. Juiz de Fora. 2006. Disponível em <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/VSchetini.pdf>>. Acesso em 18 Jun. 2016.

SOARES, Edileuza. *A Bola no Ar: o rádio esportivo em São Paulo*. 45ª ed. São Paulo: Summus, 1994.

ZIMMERMANN, Ivan. *Rádio Bradesco Esportes FM comemora quatro anos; Relembre primeiro gol*. s/l. 2016. Disponível em: <<http://ivanbanban.com.br/radio-bradesco-esportesfm-comemora-quatro-anos-relembre-primeiro-gol/>>. Acesso em 30 set. 2016.

**Contatos:** maiarahelenacosta@hotmail.com e lenize@mackenzie.br